



Informativo

SINDICATORURAL ARARAQUARA

sindicatoruralararaquara.com.br | sind_rural@uol.com.br

Informações: Av. Feijó, 87 | 3336 7547

Edição Janeiro | 2014

■ ANO DE SUCESSO

SINDICATO ENCERRA ATIVIDADES DE 2013 COM FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO DOS ASSOCIADOS

O Quiosque do Restaurante Tchê recebeu diretores e associados do Sindicato Rural para a confraternização de fim de ano. O evento marcou mais uma etapa de bons trabalhos do seu presidente Nicolau de Souza Freitas e companheiros de diretoria e cria uma forte expectativa para os projetos que serão colocados em prática em 2014, para beneficiar a classe.

“Só desejo que todos tenham um 2014 repleto de boas notícias, trabalho e muita paz. A nossa luta em defesa da classe vai continuar; sabemos os obstáculos que temos pela frente, porém, que Deus continue a nos iluminar e nos dar força para vencermos as adversidades”. A mensagem é do presidente Nicolau de Souza Freitas, passada para os produtores rurais e associados do sindicato durante o encontro realizado em dezembro no Quiosque do Restaurante Tchê, considerada a festa de confraternização da classe.

Não foram poucos os elogios dispensados à diretoria do sindicato que trabalhando com afinco, mostrou uma vez mais a união da classe e a preocupação em se envolver com projetos que possibilitem o avanço do agronegócio.

As dificuldades são inegáveis e inevitáveis dentro da instabilidade da nossa economia, no entanto, já mostramos a persistência do produtor rural que continua acreditando que o amanhã sempre será melhor, disse o presidente Nicolau de Souza Freitas aos associados que ao lado dos seus diretores, recepcionou os convidados.



Henrique Somenzari,
Luiz Henrique Scabello e
Nicolau de Souza Freitas,
do Sindicato Rural



segue »

SINDICATO RURAL CONSEGUIU PROMOVER O ENCONTRO DE GERAÇÕES DO AGRONEGÓCIO

O Sindicato Rural conseguiu um fato inédito: possibilitar que as gerações se encontrassem em uma festa de confraternização. Cada família apresenta uma história de trabalho, muita luta e dedicação aos negócios que surgem no campo pelas mãos dos seus antepassados. Uma demonstração de que vale a pena resistir ao tempo.

“Em 1896 meus avós paternos Domingos Primiano e Catarina Carnevalle Primiano, vieram da região do Molise-Itália para Araraquara e adquiriram terras nas proximidades de Matão, Distrito de São Lourenço do Turvo; mais tarde meus pais João Jovianiano Primiano e Carmen Rodrigues Primiano deram sequência às atividades agrícolas com produção de café, laranja, cereais, criação de gado e granja de aves e suínos”. É desta forma que Eduardo Luiz Rodrigues Primiano começa a contar a história de uma das famílias mais tradicionais da cidade, voltada em sua quinta geração para o agronegócio.

Hoje, dando continuidade, Eduardo e a esposa Edenilze Maria Vescove Primiano vivem a terceira geração de familiares envolvidos nas atividades rurais, agora auxiliados pelos filhos: Eduardo, casado com Patricia Helena; João Vitor casado com Egiane e a filha Isabela, que completam a quarta geração, dando continuidade à tradição de produtores rurais, atualmente produzindo cana-de-açúcar, goiaba, cereais, eucalipto e criação de gado.

Um detalhe porém deixa extremamente feliz o casal: os três filhos são formados em engenharia agrônoma e todos envolvidos, trabalhando em atividades ligadas à agricultura. “Esse amor à terra não se resume só aos meus filhos, mas também aos sobrinhos que se dedicam à produção rural. No ano de 2013, completou a quinta geração da família



Primiano, a esposa Edenilze com os filhos Eduardo (Patricia Helena) e João Vitor (Egiane), o neto João Vitor, que desponta na quinta geração da família no agronegócio

com o nascimento do neto João Vitor. “Ele é uma das razões da nossa alegria e nossa felicidade; vemos que a nossa geração terá continuidade e certamente haverá de nos dar muito orgulho”, diz Eduardo, entusiasmado

com a união familiar em torno da atividade rural que exerce.

Quando Eduardo faz menção aos “meus sobrinhos”, faz referência aos filhos de João Rodrigues Evangelista Primiano, que na década de sessenta foi pioneiro na implantação de supermercados em Araraquara, padrão seguido até hoje pelas grandes redes. Com muita ousadia, João instalou um supermercado na Rua Tupi esquina com a Avenida 34, onde hoje funciona uma academia de ginástica. Depois vieram as filiais na Vila Xavier e no centro da cidade (Avenida Barroso esquina com a Rua Gonçalves Dias). Nos anos 80, João decidiu encerrar, optando apenas em prosseguir com suas atividades rurais.



Isabela, filha de Edenilze e Eduardo, também engenheira agrônoma

Famílias Iost e Antunes se juntam em uma terceira geração

“Quando conheci minha esposa (Cristina) em 1972, meu sogro já era produtor rural há pelo menos 30 anos, em atividade exercida com outros três sócios. Em 1983, eu residia com minha esposa e dois filhos, Mariana e Thiago, em São José dos Pinhais, no Paraná, quando meu sogro desfez a sociedade, ficando com duas propriedades rurais, sendo uma em Santa Lúcia e outra em Meridiano (região de Fernandópolis). No final de 83, mudamos para Araraquara e passamos a ficar mais próximos do agronegócio, embora eu continuasse a exercer a minha atividade de engenheiro civil (continuo exercendo até hoje)”.

A história de Cristina e José Arthur Antunes se assemelha às outras tantas de famílias que decidiram juntar forças para dar sequência a uma atividade. Cristina e José Arthur (mais conhecido como Vô), hoje se mostram envolvidos com a continuidade dos negócios no campo.

No final de 1985 meu sogro, diz Antunes, teve problemas cardíacos e precisou diminuir o ritmo de trabalho, fato que nos aproximou mais dos negócios da família. O sogro veio a falecer em 1997 e com o cunhado também encontrando problemas de saúde, minha mulher e eu assumimos as atividades rurais e as conduzimos até hoje.

A família definitivamente acabou se envolvendo nas atividades rurais: “Meu filho Thiago é engenheiro agrônomo formado pela UNESP de Jaboticabal há 10 anos e atualmente vem dividindo conosco a condução dos negócios com cana-de-açúcar e gado de corte, além dele ser sócio proprietário da empresa TMF Soluções Agropecuárias e do Viveiro Anhumas, de mudas nativas, instalado em nossa propriedade de Santa Lúcia. Minha nora, Laura, é bióloga. Minha filha Mariana e meu genro Igor são cirurgiões dentistas e atuam em Araraquara e Américo Brasiliense. Temos 3 netas - Clara (5 anos), Helena (3 anos) e Vitória (2 anos). As propriedades pertencem à minha esposa e meu cunhado (Paulo Eduardo Iost)”, conclui Antunes, que se adaptou muito bem ao agronegócio.



Em pé, Vitória, no colo (filha de Thiago e Laura), Cristina, Helena, no colo (filha de Mariana e Igor), José Arthur e Igor (genro). Sentados: Laura e Thiago (filho), Clara (filha de Mariana e Igor) e Mariana

A Família Benedette

Em 1970, meus avós Alberto Benedette e Lydia Rastelli Benedette (paternos) e Waldemar Xavier dos Santos e Adelina Ruas (maternos) vieram para Araraquara e adquiriram terras nas proximidades de Araraquara; mais tarde meus pais Reginaldo Benedette e Marlene Aparecida Xavier Benedette, tomaram a frente dos negócios com a produção leite, café e cana-de-açúcar: hoje vivemos a terceira geração de famílias envolvidos nas atividades rurais com a produção de cana-de-açúcar”.

Quem conta a história da família é Marcelo, filho de Reginaldo e Marlene. O casal tem ainda a filha Daiane. Todos comemoram a chegada da primeira neta com pouco mais de 40 dias. É Mikaella, filha de Marcelo e Daniela Amaral Xavier Benedette.

Os Benedette atualmente produzem em sua propriedade, 50 alqueires de cana própria; outros 100 alqueires estão arrendados para uma usina. O plantio da cana própria, cultivo e os diversos tratamentos culturais são feitos por Reginaldo e o filho Marcelo.



Reginaldo e Marlene, grande exemplo de luta e dedicação ao trabalho no campo

A opção pela produção da cana-de-açúcar foi logo após a crise do café nos anos 70, o que levou os agricultores a investirem em uma nova cultura, tendo em vista as condições climáticas adequadas da região e as terras férteis em que seriam cultivadas, conta Reginaldo.

Segundo Marcelo, o fato que mais impulsionou a introdução da cana como outra opção de renda, foi o conhecimento técnico do avô e do pai no agronegócio, pois antes de virem para Araraquara, ambos trabalhavam com plantio de soja em Morro Agudo, sua cidade natal.



Marcelo com a esposa Daniela, a filha Mikaella e a sogra Sueli Aparecida Tita Amaral



Casal Daiane Xavier Benedette e Nelsinho Viruel



Nicolau de Souza Freitas com a Família Viana: Mathias, sua esposa Diva, o filho André, a nora Flávia e Sandra, sogra do seu filho

■ EXEMPLO A SER SEGUIDO

Família Mathias Viana

Naquela noite, o presidente Nicolau de Souza Freitas fez questão de nos levar até a mesa onde estava Mathias Viana com os seus familiares. Havia um motivo: Nicolau sucedera Mathias Viana na presidência do Sindicato Rural e ambos partilham uma amizade de muitos anos sempre cercada por acentuado respeito. E nos meios rurais não

há quem deixe de gostar do jeito simples de Mathias. Ele impressiona pela sua espontaneidade, jeito mesmo de homem do campo, mantendo a tradição dos seus ancestrais na agropecuária "café com leite", desde bisavós, avós e os próprios pais, oriundos do sul de Minas Gerais. A família Viana está no município desde 1959.

Na época, conta Mathias, viemos com os nossos pais Antonio Figueiredo Viana e Leopoldina Siqueira Viana (in memoriam), adquirimos terras onde hoje se situa o "Clube Náutico de Araraquara"; formamos e desenvolvemos diversas atividades agropecuárias.

Atualmente, a Família Viana continua com a pecuária no triângulo mineiro e os pés fincados em Araraquara, terra que segundo eles, continuam a amar, pela forma carinhosa com que foram recebidos.

"De nossos três filhos, um deles - André, é profissional e milita na área, esperamos que os nossos netos deem continuidade a esta nossa abençoada e querida atividade", conclui Mathias Viana.

"O nosso sindicato se orgulha em possuir no seu quadro um associado como o Mathias, que tem nos dado grandes exemplos como produtor rural", diz Nicolau.

■ FAMILIA SEGNINI

Quando o ideal faz brotar da terra um vencedor

Em 2012, ao ser homenageado no Dia do Produtor Rural, Hélio Segnini tinha bons motivos para comemorar a data: seus 61 anos dedicados ao campo. Na época, a placa que lhe foi entregue pelo presidente do Sindicato Rural, Nicolau de Souza Freitas, dizia tudo: "O sucesso é a marca dos que sonham, principalmente dos que trabalham para que tudo se transforme em realidade".

E nada na vida da Família Segnini tem se alterado pois são pessoas comprometidas com suas raízes: a produção rural. O bisavô de Hélio, "seo Adolfo", imigrante italiano, trabalhou na agricultura e depois como administrador da Fazenda Java, em Boa Esperança. Seu pai, Francisco (a mãe Almerinda), trabalhou como carroceiro, depois adquiriu um carro de praça e caminhões para frete, comprando e vendendo produtos agrícolas. Em 1939 comprou uma propriedade em Boa Esperança do Sul e passou a criar gado.

Almerinda e Francisco tiveram quatro filhos: Ruth (professora), Hélio e Ivo (agrônomos) e Francisco (arquiteto). O filho Hélio casou-se com Lenita Guedes, nascendo os filhos: Helinho (agrônomo), Luis Otávio (engenheiro mecânico) e Maria Cândida (agrônoma). Os netos de Hélio, em quinta geração, trabalham com a agricultura, sendo dois deles agrônomos.

E segundo ele, o Dia do Agricultor deve ser comemorado todos os dias: "É o homem que dorme e acorda pensando na terra, pois para conseguir seu sustento não é fácil, dependendo sempre do tempo e do mercado".

Essa jornada vem desde os tempos dos seus pais e ele sempre lembra que deve muito ao incentivo da mãe e da irmã para que estudasse: "Sou engenheiro agrônomo aposentado pela Secretaria da Agricultura



Hélio Segnini com o neto André, o genro Wellington Rossi, o filho Luis Otávio, a neta Rebeca, a filha Maria Cândida e a nora Fernanda

e agricultor até hoje na ativa; considero o agricultor um herói esquecido pela falta de apoio das nossas autoridades".

Esse amor pela agricultura está no sangue familiar, tendo passado sua experiência ao filho Helinho que hoje, no Sul do Piauí, é um dos grandes empresários da nossa agricultura e outros negócios ligados ao campo.

Para ele, isso deve ser passado de pai para filho, mantendo gerações em uma atividade que enobrece.



Lucas nos braços do avô Nicolau; Mariana, Lais, com o tio Luiz Marcelo, Iracema e Maria Clara

■ A VIDA ENSINA

A Família Souza Freitas

“A agricultura rapidamente vai se adaptando ao uso da tecnologia, mas a essência da atividade ainda é a mesma: o produtor rural trabalha com a natureza, utiliza os recursos do solo em conjunto com os maquinários e outros equipamentos para produzir”. A explicação nasce de maneira espontânea nas palavras de Nicolau de Souza Freitas, que faz parte da lista de produtores rurais que ainda mantém acesa a chama da esperança por dias melhores para sua classe.

Sua história tem um forte vínculo familiar: como muitos outros imigrantes à procura de emprego em nosso país, também seus avós vieram para o Brasil em 1888 em busca de realizações. Primeiro compraram o sítio “Cabeceira do Boi”, entre Bueno de Andrada e Araraquara. Era um tempo de sonhos e de mandar mensagens de otimismo para o outro lado do mundo.

Os pais de Nicolau, João de Souza Freitas e Maria Teixeira Ferreira, deram continuidade aos negócios no campo. Ao todo eram dez filhos: Tereza, Umbelina, Cecília, João, Adélia, Isabel, Fátima, Hilário, Eleutério, Nicolau e Antônio. Quando o pai faleceu, Nicolau tinha apenas dois anos de idade,

sendo criado pela mãe e os irmãos mais velhos; mas aos 12 anos já estava trabalhando na roça e estudando na Escola Rural de Rosa Martins, onde fez até o quarto ano primário.

Com 23 anos, além de trabalhar no sítio, foi “puxar cana” para ter uma renda extra no final do mês. Nesta época, trabalhando na lavoura em Santa Lúcia, conheceu a sua esposa Iracema Rosa dos Santos. Foi um namoro de 10 anos: casaram em junho de 1978. Anos depois, sentindo a necessidade de tornar fácil os estudos para os filhos, Nicolau e Iracema se mudaram para Araraquara. Isso já faz 16 anos.

Hoje três filhos estão casados: João Henrique com Fernanda Bueno; Fernanda com Eduardo Abbud. Luiz Marcelo é casado com Mariana. A família se completa com os netos Maria Clara, Lais e Lucas.

Em 25 de julho deste ano, Nicolau de Souza Freitas foi homenageado no Dia do Produtor Rural: uma grande festa para quem até hoje soube prosperar e realizar uma gestão das mais significativas como presidente do Sindicato Rural.

AS PROPRIEDADES

Chegou um dia em que a propriedade da família foi dividida: era o momento em que cada irmão poderia tocar o seu próprio negócio. A divisão ocorreu entre Nicolau e seus irmãos Hilário e Antônio. Na verdade eles compraram mais terras, aumentando consideravelmente o patrimônio familiar.

“Quando fizemos o acerto e dividimos, cada um ficou com uma parte. O sítio onde cresci ficou com o meu irmão Hilário que até hoje mora no mesmo lugar. Por aquele pedaço de chão, meu irmão tem um grande carinho”, diz Nicolau.

Naquele sítio, as primeiras plantações foram de café; algum tempo depois, devagar, seus pais começaram a plantar laranja, junto com soja, milho e cana-de-açúcar. Segundo Hilário, era um tempo em que as coisas caminhavam de modo mais fácil: “Os custos da produção rural se tornaram elevados e quase que inviáveis”, arremata.

No momento, Nicolau planta somente laranja e cana. Com seu irmão Hilário, ele demonstra muita esperança em melhores dias para o homem do campo: “Como dirigente de classe, devo admitir que a nossa luta tem sido grande, afinal o agronegócio é o que hoje carrega a economia do país”, conclui o produtor.



Fernanda, Maria Clara e Eduardo Abbud



João Henrique e a esposa Fernanda



Hilário, irmão de Nicolau, com a filha Silvia, a esposa Carmem e a neta Letícia. Uma família voltada para a produção rural



Luiz Henrique com a esposa Janaina, os filhos João Henrique e Miguel, a mãe Maria do Carmo

Famílias Scabello e Oliveira

“Nossa família tem suas raízes ligadas ao agronegócio. Meu bisavô paterno chamava-se João Baptista de Oliveira, veio nos primeiros anos do século passado da cidade de Paraibuna para Araraquara, tinha o apelido de “João do Norte”, isso porque no início do século, aquela região era conhecida como o norte do Estado de São Paulo, daí também vem o nome de Aparecida do Norte”. O comentário é de Luiz Henrique Scabello de Oliveira, ao relembrar a história da sua família.

Segundo Luiz Henrique, o bisavô possuía uma propriedade de café no bairro do Ouro e atuava também como comerciante de café. Casou-se com Maria Antonia Camargo, filha de agricultores de São Carlos. Tiveram 6 filhos, entre eles Benedito de Oliveira, avô paterno.

“Benedito casou-se com Elvira Somenzari, italiana, filha de Camillo e Cezira Somenzari, imigrantes italianos que também cultivavam café no bairro da Água Azul, próximo à antiga usina Zanin, hoje Raízen. Benedito e Elvira tiveram 6 filhos, entre eles João Baptista de Oliveira Netto, meu pai”, conta Luiz Henrique.

Porém, a crise de 1929 atingiu fortemente a família Oliveira, e sem condições de continuar com a produção de café, entregaram a propriedade ao banco para saldar as dívidas. Dias depois, Getúlio Vargas anunciaria a moratória e todos tiveram prazo para saldar as dívidas, mas era tarde.

Sem outra forma de sobreviver, Benedito e seu irmão José Pedro, foram tirar casca de uma árvore do cerrado conhecida como

Barbatimão, para vendê-la aos curtumes. Anos depois, a vida dura nas matas foi o grande trunfo, pois, num tempo em que as locomotivas eram movidas a lenha, quem mais poderia saber onde se localizavam as reservas de madeira que seriam usadas nas locomotivas, senão os irmãos Oliveira?

Rapidamente, eles se tornaram prósperos empresários, as fazendas abertas produziam carne, leite e grãos. Benedito era uma pessoa muito popular e foi vice-prefeito (1956 a 1959) e prefeito (1960 a 1963) de Araraquara. Diversas obras de sua gestão persistem até hoje, como a adutora do rio Anhumas, a fluoretação da água e a via de acesso à SP310.

LADO MATERNO

Do lado materno, toda a família tem origem na imigração italiana e no trabalho na terra. “Meus bisavós vieram entre o final do século XIX e início do século XX. Francesco Scabello e Philomena Barbisan, depois de trabalharem na lavoura de café em Campinas e no Frigorífico Anglo em Barretos, estabeleceram-se em Dobrada, onde construíram um hotel para abrigar fazendeiros, corretores de café e negociantes que vinham para aquela pequena cidade em busca do café”, relembra Luiz Henrique.

O casal teve muitos filhos, entre eles Henrique, o avô materno, que dedicou sua vida ao magistério, aposentando-se como Delegado de Ensino após 45 anos de dedicação ao serviço público. Henrique casou-se com Lylia Gorni, filha de Guelfo Gorni

e Pierina Lustri, igualmente imigrantes italianos; tiveram 5 filhos, entre eles Maria do Carmo, minha mãe.

“Meus pais casaram-se em 1962 e tiveram 3 filhos: eu, Luís Henrique, Engenheiro Agrônomo, casado com Janaina, temos dois filhos - João Henrique (13) e Miguel (8); Ana Maria, Médica, casada com André Pavani, que tem um filho - Francisco (8); e Maria Luíza, casada com Adalberto Munhoz, que têm dois filhos - Matheus (18) e Vinicius (16)”, diz o produtor rural.

A mãe, Maria do Carmo, além do trabalho e da criação dos filhos, com muito esforço, formou-se em Economia e Administração de Empresas, hoje é funcionária pública aposentada pela UNESP, onde chegou ao posto de Diretora Administrativa do Campus de Araraquara. O pai dedicou sua vida à agricultura, fez quase de tudo: plantou grãos, hortaliças, laranja, cana, café, forneceu leite, criou gado, etc., sempre com muita vontade, coragem e amor.

“Seu grande esteio foi minha mãe, que sempre esteve ao seu lado nos vários momentos difíceis da vida, mas também nos inúmeros momentos maravilhosos que puderam construir e usufruir com seus filhos e netos. Seu grande desejo era que, depois que partisse, suas fazendas não fossem vendidas ou arrendadas, mas continuassem a ser exploradas pela família. Uma vez ele me disse: “Vou encher essa fazenda de laranja, para que, depois que eu for, vocês ainda se lembrem de mim por muitos anos...”, recorda Luiz Henrique.

Atualmente, não há mais pomares. Mas cada detalhe na fazenda leva à lembrança do pai. A família continua com cana-de-açúcar e gado, sempre buscando o aperfeiçoamento das técnicas e a diversificação das culturas.

“Não há nada mais belo que um campo cultivado ou a criação de animais. O agronegócio é algo que vem desde as origens de minha família, vivemos hoje uma sociedade cada vez mais urbanizada, por isso temos o dever de levá-lo adiante, mostrando sua importância e magia às futuras gerações”, conclui.

SENAR E SINDICATO RURAL

A GRANDE PARCERIA DE 2013 E UM ANO QUE MUITO PROMETE

Araraquara deve ser olhada como uma cidade privilegiada pelas entidades que possui. No agronegócio se destaca pela preocupação com a formação de profissionais no campo.

Já faz um bom tempo que o SENAR-SP, Serviço Nacional de Aprendizagem Rural e o Sindicato Rural de Araraquara, formam uma das mais importantes e prósperas parcerias. O trabalho que ambos realizam se deve ao empenho e o comprometimento dos seus diretores e coordenadores, com resultados que fortalecem o meio em que atuam: o campo.

Criado em dezembro de 1991, o Senar SP é uma entidade de direito privado, para-estatal, mantida pela classe patronal rural, vinculada à Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, e administrada por um Conselho Deliberativo tripartite. Integrante do chamado Sistema S, tem como objetivo cumprir a missão estabelecida pelo seu Conselho Deliberativo, composto por representantes do Governo Federal e das classes trabalhadora e patronal rural.

Em Araraquara, o SENAR mantém um coordenador: o engenheiro agrônomo Mário Roberto Porto e a parceria com o Sindicato Rural. Segundo Porto, o SENAR, para realizar cursos de capacitação ou qualificação profissional, não tem Unidades de Ensino. Por decisão institucional, as salas de aula são os locais onde o trabalhador e o produtor rural atuam. Pode ser numa área de plantação, num galpão da propriedade, embaixo de uma árvore e até na casa de um dos participantes do curso.

SENAR

Todas ações de promoção social, capacitações e cursos do SENAR são oferecidos gratuitamente, a pessoas do meio rural associadas direta ou indiretamente, aos processos produtivos agrossilvipastoris.

Em 2013, ao prestar contas das suas atividades em Araraquara e região, o coordenador Mário Porto disse que o órgão promoveu 1.103 atendimentos com lazer, cursos pontuais, programas, eventos e treinamentos.

“Tudo isso só foi possível graças a parceria com o Sindicato Rural; esperamos continuar em 2014 com o mesmo sucesso, cumprindo nossos objetivos”, conclui Mário Porto.



Mário Roberto Porto, a esposa Maria Lúcia Pensesta Porto, o filho Fernando (engenheiro e também formado em Educação Física), a nora Greice Liz Barreto Porto. A família se

família voltada para a produção rural, sempre preocupada em pesquisas e aplicação de novas técnicas visando o aprimoramento e rentabilidade do agronegócio.

completa com a filha Renata, formada em Ciências da Computação (professora efetiva do IFSP - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo), Fábio Roberto (ortopedista), Mário Filho (formado em Ciências da Computação pela USP) e Isabel Maria (cirurgiã-dentista formada pela UNESP). Também é uma

A REPRESENTATIVIDADE DA CREDICENTRO

Para a Credicentro, que tem a finalidade de proporcionar assistência financeira aos sócios em suas atividades, foi um ano excelente.



Um reencontro com os amigos, produtores rurais e cooperados da Credicentro (Cooperativa de Crédito dos Fomecedores de Cana e Demais Produtores Rurais do Centro do Estado de São Paulo), foi proveitoso, segundo o presidente Jaime Vasconcelos, para a troca informações e viver os momentos de confraternização da classe. O evento organizado pelo Sindicato Rural em dezembro também teve esse objetivo pois os agricultores puderam avaliar as atividades cumpridas durante o ano.

Para a Credicentro, disse Jaime, não foi diferente. Conversamos sobre o papel da cooperativa e mostramos a fase de expansão em que ela se encontra. Hoje a cooperativa atua em vários municípios: Américo, Araraquara, Boa Esperança do Sul, Ibaté, Matão, Nova Europa, Ribeirão Bonito, Rincão, Santa Lúcia, São Carlos, Gavião Peixoto, Trabijú e Motuca.

Jaime considera que 2013 foi muito bom: “Cumprimos o nosso objetivo que é o desenvolvimento de programas de poupança, de uso adequado do crédito e de prestação de serviços, praticando todas as operações ativas, passivas e acessórias próprias de cooperativas de crédito”. A Credicentro, disse ele, ajuda o associado a aprimorar a produção, a produtividade e a qualidade de vida, bem como a comercialização e industrialização dos bens produzidos.